

Motley acha que o Brasil deve negociar prazos mais longos

por Pedro Cafardo
de São Paulo

O Brasil não pode mais continuar fazendo a rolagem da dívida externa a cada noventa dias. Precisa negociar com os credores uma fórmula de reescalonamento a mais longo prazo. O embaixador do Estados Unidos, Anthony Motley, repetiu essa sugestão pelo menos duas vezes nos últimos dois dias. Amanhã, ele deixa o Brasil para assumir o seu novo cargo no Departamento de Estado norte-americano, como secretário de Estado Adjunto para Assuntos Interamericanos.

Ao ser homenageado ontem em São Paulo, durante almoço promovido pela Câmara Americana de Comércio, Motley reafirmou uma série de posições que assumiu domingo, no programa "Crítica e Autocrítica", da Gazeta Mercantil, levado ao ar pela Rede Bandeirantes de Televisão. Apesar da necessidade de estabelecer uma nova escala de vencimentos da dívida brasileira a mais longo prazo, explicou Motley, isso "não pode ser feito da noite para o dia".

"Os bancos têm acionistas", disse o embaixador, para explicar a demora dos entendimentos com os credores, a maioria deles norte-americanos. O caminho para superar a crise, segundo Motley, passa pela sequência das negociações com os credores e com o Fundo Monetário Internacional. "A continuidade financeira internacional manifestou-se convicta de que o Brasil pode superar esse problema", afirmou.

CONFIANÇA

Apesar dessa citação expressa da confiança da comunidade financeira no Brasil, Motley deixou escapar algumas afirmações sutis sobre a necessidade de correspondência interna à ajuda financeira externa. "A solução não é só externa, tem de haver um esforço interno para facilitar o ajustamento", afirmou o embaixador. Ele recusou-

se, mais tarde, a explicar melhor o que entende exatamente por "esforço interno".

No esforço, de qualquer forma, acrescentou Motley, será "necessário que todo o povo se una ao governo e ajude a formular a política necessária à realização do programa de recuperação".

A própria colaboração dos Estados Unidos teria limites. Motley informou, por exemplo, que a balança comercial norte-americana deve apresentar um déficit da ordem de US\$ 70 bilhões neste ano ("um superávit negativo", na expressão do embaixador). "Se os Estados Unidos fossem adequar a expansão comercial de todos os países exportadores à política americana de importação, nosso déficit subiria para US\$ 240 bilhões; isso, evidentemente, não iria acontecer", disse.

FALTA DE REALISMO

Motley afirmou que os países que hoje baseiam sua política econômica unicamente nas exportações "não estão sendo realistas". Ele falava genericamente, mas o exemplo que utilizou para ilustrar o assunto mostra que sua crítica também se dirige ao

Brasil: "Vocês não podem reclamar do Chile por ter reduzido as importações se também estão importando menos".

Na opinião de Motley, a questão fundamental é que "a música parou". A músi-

ca, no caso, seria o comércio internacional, que precisa "voltar a tocar". Nesse ponto, o embaixador citou o secretário de Estado George Shultz: "A resposta para a crise está no crescimento".